

**A MOBILIDADE DO TRABALHO DO MIGRANTE NORDESTINO E OS
MOVIMENTOS XENOFÓBICOS DO CENTRO-SUL: UMA QUESTÃO
MIGRATÓRIA**

Prof. Dra. Sueli de Castro Gomes¹

Resumo

A teoria da mobilidade do trabalho de GAUDEMAR (1977) auxilia-nos na compreensão da presença dos nordestinos em São Paulo e no Centro-Sul brasileiro, pois seu foco está na produção e circulação da força de trabalho. O capital desloca uma quantidade de trabalhadores, não só espacialmente, como também, setorialmente e socialmente. Assim, a ampliação do capital deslocou os nordestinos de sua área de origem para o centro econômico do país – São Paulo, que naquele momento exigia mão de obra.

Em geral pouco escolarizados ocupam as formas de trabalho mais precárias, bem como, residem nos espaços mais desvalorizados. Eles possuem uma grande participação nas áreas metropolitanas, em especial São Paulo e Rio de Janeiro. Esse migrante encontra uma diversidade de obstáculos para a sua inserção e sofre discriminações, sendo alvo de chacotas por parte dos paulistanos, ou sendo alvo dos movimentos xenofóbicos.

Palavras-chaves: migração mobilidade do trabalho movimentos xenofóbicos

¹ Professora Adjunta da Universidade Estadual de Maringá. E-mail: scgomes@uem.br / suelicgomes@superig.com.br

Os migrantes nordestinos migram inicialmente para trabalhar na lavoura paulista da cafeicultura e algodão, e posteriormente, se dirigem para trabalhar na indústria, na construção civil, na limpeza e as mais diversas formas de serviços, permanecendo principalmente, na cidade de São Paulo. Esse fluxo de nordestinos permanece até hoje, mas com menor intensidade nas metrópoles e orientando-se nos últimos anos para outras cidades do interior paulistano. O capital mobilizou essa força de trabalho e a deslocou para o centro econômico do país para a sua reprodução. Uma parte dos nordestinos vão se inserir nas lavouras de cana de açúcar e, o outro grupo busca emprego no espaço urbano. Enquanto há esse processo de mobilidade para o trabalho, temos registros de ações e práticas xenofóbicas por parte de grupos de jovens paulistas e também, de outras cidades do Centro –Sul, demonstrando um territorialismo perverso. Vejamos a seguir como desenvolve esse processo contraditório no espaço brasileiro.

O desenvolvimento industrial brasileiro impulsionou o acelerado crescimento urbano, próprio do processo de metropolização. A cidade passa então a concentrar o fluxo migratório interno de trabalhadores expulsos do campo. Estes, por sua vez, recriaram os espaços da cidade de São Paulo. BOSCO e JORDÃO NETO (1977) trazem alguns dados sobre a migração dos nordestinos, na qual registra:

A título de ilustração vejamos: dos 404. 960 trabalhadores nacionais chegados a São Paulo entre 1941 e 1949, 94,5% seriam lavradores. [...] Até 1951, 95% dos nordestinos dirigiram-se para a lavoura. (BOSCO e JORDÃO NETO, 1967:100).

Vejamos outros dados:

A partir da década de 50, o fluxo de migrantes orienta-se fundamentalmente em direção às cidades, sobretudo para a região metropolitana de São Paulo. Um estudo efetuado numa fábrica paulistana abrangendo os anos de 1956-58, revelou que $\frac{1}{4}$ dos operários não qualificados e/ou semi-qualificados era formado por nordestinos. (CEM, 1988:8).

A partir desse momento as políticas públicas se transformam e o Departamento de Imigração e Colonização passa a atuar na Capital no sentido de atender também dos moradores de rua e dos desempregados. Nos anos 60, houve uma mudança na política

de atendimento ao migrante, uma reestruturação ampla que transfere para a assistência social o atendimento. Como bem disse em entrevista Jordão Neto (18.08.95):

O problema surgiu quando a migração deixou de ser uma solução para ser um problema [...]. O Estado investiu, a economia investiu. No momento que deixou de ser uma solução para ser um problema, ‘deixou’ de haver os serviços.

Encontramos registro de situações xenofóbicas já no trajeto de viagem em que os registros literários constataram todos os constrangimentos a que os migrantes nordestinos eram submetidos. Esse artigo faz referência aos paus-de-arara e traz a fala de um dos proprietários de caminhão que questiona se aqueles que dizem que o migrante é vagabundo “sabem que há 18 caminhões paus-de-arara trabalhando continuamente, dia e noite, no transporte de escravos do Nordeste para o Centro-sul?” Os nordestinos viajavam de 8 a 15 dias, passavam fome, sede, não dormiam, ficavam doentes ou até morriam, conta um agenciador que por, 16 anos alugou 12 paus-de-arara, “convidando” grupos numerosos de nordestinos a migrarem.²

O crescimento urbano de São Paulo está relacionado diretamente ao fenômeno migratório, e este, ao processo de industrialização. O fluxo migratório nacional de maior destaque foi o de nordestinos para São Paulo. Da inserção dos migrantes no espaço urbano aparecem os “... contornos físicos e sociais da capital paulista...” (PAIVA, 2004: 271)

Nas fábricas, as pesquisas registram a lembrança dos operários nordestinos que relatam das péssimas condições de trabalho, periculosidade, regras rígidas, rudeza dos chefes e contramestres, estereótipos criados que os estigmatizavam (Cabeça Chata, Bahia, Farofa...), baixos salários.

Os nordestinos, na sua maior parte, residem, tanto nas periferias como nos centros deteriorados, nos cortiços, nas diversas favelas da metrópole, por serem estas alternativas de moradia barata. À procura de preços baixos dos terrenos eles rumam para os loteamentos clandestinos, as áreas de risco e insalubres, e conjuntos habitacionais.

Existe uma série de estudos que contam a saga dos nordestinos em São Paulo e Rio de Janeiro, entre eles destacamos o artigo de Albuquerque Jr. (1990). O autor

² ZAMBIASI e MORÉS (2005: 14 -15).

buscou compreender a formação de estereótipos dos migrantes - Baianos e Paraibanos - e como eles se identificam ou não, com a classe operária destas duas cidades

Esses diversos estudos tratam do migrante que chega em São Paulo com pouca ou nenhuma escolaridade; que, na maior parte das vezes, trabalha na construção civil ou no serviço doméstico, e que vai morar em pensões, cortiços ou favelas, que enfrenta as dificuldades de andar na grande cidade e que sente saudades do local de origem.

Para se ter uma dimensão do nosso universo vejamos os dados referentes ao censo demográfico de 2000, divulgados pelo IBGE, na cidade que mobilizou o maior número de migrantes nordestinos - são 3.641.148 nordestinos, que representam 20% da população da região metropolitana paulista. Esses dados consideram o lugar de nascimento da população residente na Metrópole. A Fundação SEADE revela³ que, no mesmo censo:

A Região metropolitana de São Paulo (RMSP) recebeu cerca de 720 mil migrantes de outros Estados brasileiros, o que corresponde a praticamente 58% do total de pessoas que chegaram ao Estado de São Paulo entre 1995 –2000. Para a metrópole, prevalecem os fluxos do Nordeste (72,8%), principalmente os originários da Bahia (29,1%) e Pernambuco (14,1%), vindo a seguir os procedentes de Minas Gerais (10,2%). A capital paulista recebeu quase 410 mil migrantes, praticamente 57% do total de pessoas que chegaram à RMSP, destacando-se os fluxos com origem no Nordeste (73,1%) e, a seguir, nas Regiões Sudeste e Sul. Dos que se dirigiram para a capital, destacaram-se os provenientes da Bahia (30%), Pernambuco (13,1%) e Minas Gerais (9,6%).

Veja os gráficos a seguir:

³ Fonte: SP Demográfico. Setembro de 2003

A mobilidade do trabalho do migrante nordestino e os movimentos xenofóbicos do centro-sul: uma questão migratória

Sueli de Castro Gomes

Gráfico 1: Migrantes Interestaduais, segundo Local de Origem (em %). Estado de São Paulo - 1986-1991 e 1995-2000

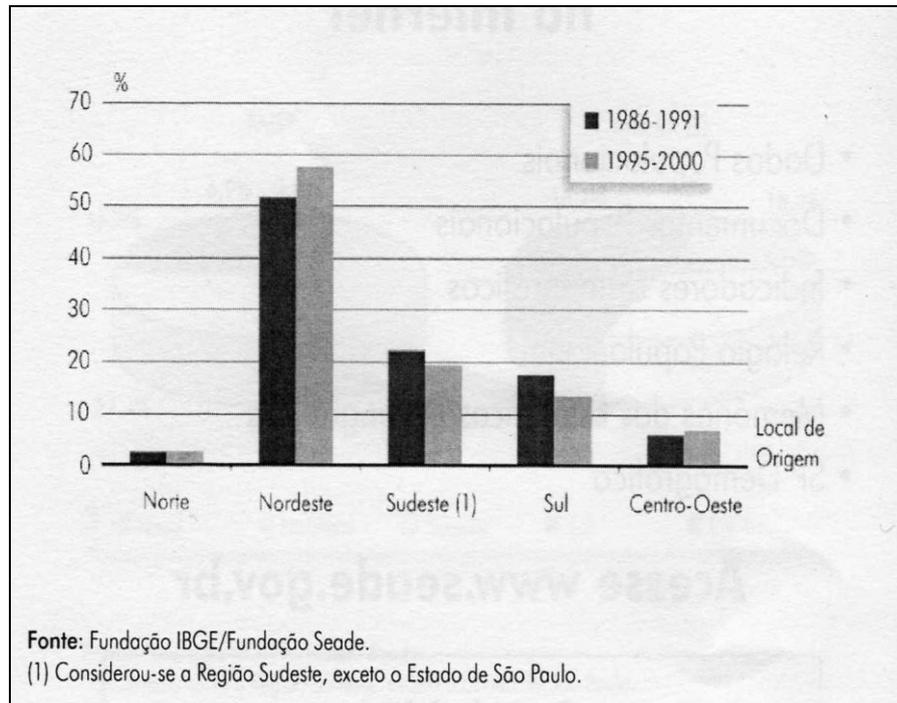
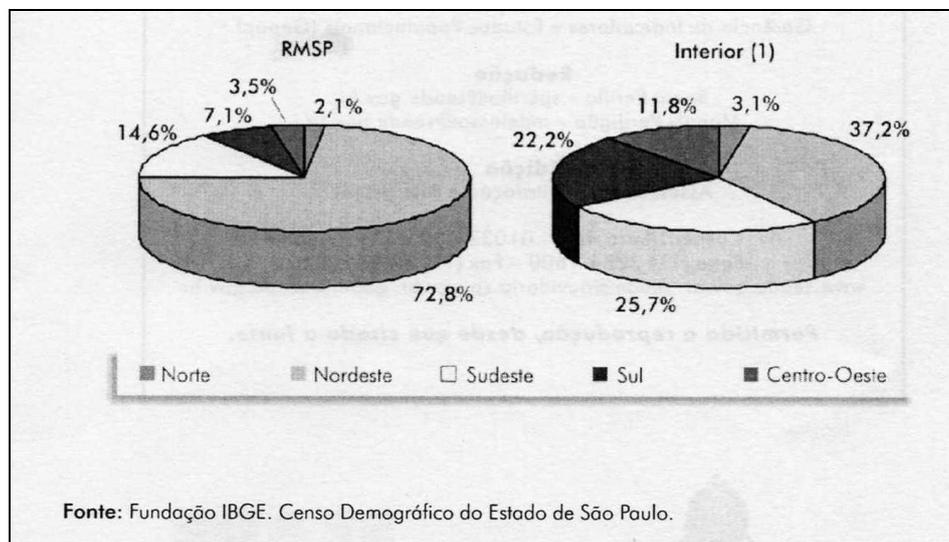


Gráfico 2: Migrantes Interestaduais, segundo Local de Origem (em%). RMSP e Interior – 1995-2000



Os dados do censo 2000 (IBGE) considera migrante, as pessoas não residentes no município em 01/09/1991, com 4 anos ou mais de idade.⁴ Em nossa pesquisa consideramos como migrante nordestino, não apenas o recém chegado, mas todo

⁴ Essa pesquisa foi realizada em 2001 no site do IBGE(www.ibge.gov.br) O corte em 01/09/91 para efeito de coleta da informação, se dá em função da data de referência do censo demográfico de 1991, o que permitiu avaliar o movimento migratório neste intervalo, segundo os dados do IBGE na contagem da população.

universo de nordestinos, incluindo, os seus descendentes, que mantêm manifestações de uma cultura nordestina, mesmo que apresente forma residual. Observamos, que São Paulo continua sendo ainda o maior centro de atração desses migrantes com quase 272 mil ingressantes, número muito maior que os outros municípios que ficam abaixo dos 50 mil migrantes.

Ocorreram algumas alterações no grande fluxo de migrantes nordestinos nas últimas décadas conformes os últimos estudos vêm apontando, e que devemos considerar para entender essas mudanças na mobilidade dos nordestinos, devemos estudar as modificações econômicas e transformações espaciais da Metrópole da Grande São Paulo, assim como em outros territórios.

A pesquisa de Sandra Lencioni (1991) mostra que há uma ampliação da metrópole, que segue em um raio de 150 Km a partir do pólo da capital paulista. As unidades fabris, atraídas por terrenos baratos, favores fiscais, proximidade do mercado consumidor vão se instalar nessa metrópole expandida, provocando uma desconcentração industrial. A autora, apoiada em Negri, mostra como o número de empregos segue essa reestruturação da localização da indústria: no período de 1980 a 1985. O Interior paulista criou cerca de 87, 6 mil novos empregos na indústria, enquanto a metrópole perdeu cerca de 144 mil postos de trabalho.

Além da dispersão industrial, há os avanços tecnológicos, que provocam o chamado desemprego estrutural. O migrante, portanto, possivelmente, está sendo mobilizado por essa reestruturação espacial, haja vista o crescimento acelerado da região de Campinas. O nordestino continua migrando para a Capital paulista, mas em maior número desloca-se para a metrópole expandida. As pesquisas⁵ apontam o “corredor” do Estado que está se constituindo como uma área de expansão da migração nordestina, “passando o Nordeste a vigorar como a principal procedência dos migrantes interestaduais de Campinas, Jundiaí, Bragança Paulista, Limeira, Piracicaba...”.

Os números do Pnad de 2004⁶ (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio) apontam um grande fluxo inverso, reforçando a migração de retorno dos nordestinos desde a metrópole. Enquanto que 400 mil pessoas migraram do Nordeste com destino a São Paulo, 457 mil pessoas migraram de São Paulo para o Nordeste. As pesquisas de

⁵ BAENINGER (2000:131). Ver anexo 5 e 6

⁶ Fonte: Folha de São Paulo, 23 de abril de 2006.

Herton Ellery de Araújo⁷ do IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) mostram o perfil desse migrante que retorna: a maior parte tem menos de 45 anos, uma escolaridade média de 7,1 anos. – “os nordestinos que vivem em São Paulo nos últimos cinco anos enfrentam taxa de desemprego 18,3 %, praticamente o dobro da média nacional”. Enquanto que os residentes no Nordeste procedentes de São Paulo enfrentam uma taxa de desemprego 12,5%. Os estudos do IPEA ainda mostram como os nordestinos em São Paulo preenchem as vagas com salários baixos, quando empregados. Um terço trabalha na construção civil ou em serviços domésticos e 67% ganham um salário mínimo.⁸

Pesquisas que mostram a inserção do migrante nordestino na economia informal, que cresce na mesma ordem que segue o avanço do desemprego na Grande São Paulo⁹. Assistimos diariamente o aumento de vendedores ambulantes nos semáforos, nas ruas, nas calçadas, nas portas das casas, com as mais diversas mercadorias.

Os migrantes nordestinos aparecem no plano do visível e do invisível, ocupam os poros da metrópole. Eles não estão somente nos espaços de aglutinação, concentração, mas aparecem na forma de trabalho e não trabalho no processo de formação da metrópole. Nesse contexto da migração de nordestinos para São Paulo, aparece à necessidade do migrante criar novas formas de inclusão na metrópole.

A teoria da mobilidade do trabalho de GAUDEMAR (1977) auxilia-nos na compreensão da presença dos nordestinos no Centro-Sul brasileiro, em especial em São Paulo. A teoria foca na produção e circulação da força de trabalho. O capital desloca uma quantidade de trabalhadores, não só espacialmente, como também, setorialmente e socialmente. Assim, a ampliação do capital deslocou os nordestinos de sua área de origem para o centro econômico do país – São Paulo, que naquele momento exigia mão de obra. No bojo desse processo de mobilidade desses homens para o trabalho e reprodução do modelo econômico, há registros de ações xenofóbicas contra essa mobilidade do estigmatizado nordestino.

⁷ Fonte: Folha de São Paulo, 23 de abril de 2006

⁸ Salário Mínimo: R\$ 350,00 (23.04.2006)

⁹ RAMIRES, 2001

Práticas e Ações de Xenofobia no território dos paulistas

A recepção aos nordestinos em São Paulo, desde os precursores até os dias atuais, sempre foi carregada de muita discriminação e preconceito, estigmatizando-os como “Baianos” ou “Cabeça Chata”. O estudo de Maura Penna (1992) trata da identidade do nordestino em São Paulo e aborda o preconceito que ele enfrenta. A autora faz um levantamento, na imprensa, de diversos artigos e situações que mostram a xenofobia dos paulistanos.¹⁰

Um dos episódios mais marcantes foi quando a paraibana Luísa Erundina venceu as eleições para a Prefeitura da Capital. O Centro das Tradições Nordestinas, lugar de encontro dessa comunidade, foi todo pixado com termos agressivos, sendo assim alvo de ações e prática xenofóbica na década de 80.

Essa mesma reação aparece depois de 20 anos, só que agora perpassa por novos meios de comunicação, no caso os *sites* e as denominadas redes sociais da *internet*. Nas últimas eleições presidenciais no Brasil ocorreu uma onda de ataques aos nordestinos, divulgada no *Twitter*, pelos usuários de *microblogs*. A candidata eleita Dilma Rousseff teve uma expressiva votação no Norte e Nordeste do país enquanto nas regiões Sul e Sudeste, obteve um menor resultado. Esse fato estimulou a postagem de mensagens que atribuía a vitória de Dilma aos nordestinos¹¹, encontramos frases que se referem a eles da seguinte maneira “*Nordestino não é gente. Faça um favor a SP, mate um nordestino afogado*”.¹² Segundo a Organização dos Advogados Brasileiros seção Pernambuco (OAB-PE), em julho do mesmo ano foram postadas outras mensagens semelhantes após as enchentes ocorridas na região nordestina.

O fato dessas mensagens xenofóbicas trouxe a tona opiniões como da Profa Associada de Direito Penal na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, Janaina Conceição Paschoal, vejamos:

“É o nosso presidente quem faz questão de separar o Brasil em Norte e Sul. É ele quem faz questão de cindir o povo brasileiro

¹⁰ Encontra-se o debate sobre a identidade, preconceito e a imagem do nordestino, também, em autores como PÓVOA NETO (1994) e SOBRAL (1993).

¹¹ A candidata Dilma era representante do Governo Lula, que nos oito anos de sua gestão fez uma série de políticas de desenvolvimento regional para o Norte e Nordeste, bem como políticas de combate a fome e a miséria nessas regiões, entre ela a denominada “Bolsa-Família”.

¹² Essa mensagem foi postada pela jovem estudante de Direito Mayara Petrusi levando-se a responder criminalmente por discriminação.

em pobres e ricos. Infelizmente, é o líder máximo da nação que continua utilizando o factóide elite, devendo-se destacar que faz parte da estigmatizada elite quem está contra o governo.” (Folha de São Paulo, 12 de novembro de 2010)

Segue o artigo no jornal:

“São Paulo, é fato, é fonte de grande parte dos benefícios distribuídos no restante do país. São Paulo, é fato, revela-se o Estado mais nordestino da Federação” (F.S.P.12.11.2010.)

Outro grupo de jovens que surge nesses últimos tempos é um movimento denominado “São Paulo para os paulistas” que reuni jovens de 18 a 25 anos, universitários, alguns são integrantes de diretorias de centros acadêmicos. Eles produziram um manifesto virtual que reúne 600 adeptos, apoio expresso em assinaturas numa petição *on-line*.¹³

A origem desse movimento se deu em virtude de uma proposta na Assembléia Legislativa que pede a inserção da cultura nordestina na grade curricular de escolas da capital paulista, originando indignação de jovens paulistas.

O objetivo do grupo, segundo as lideranças, é discutir a questão da migração e a suposta subvalorização da cultura paulista, preterida, em função do espaço que culturas “estrangeiras” conquistaram em São Paulo. Vejamos parte da entrevista da liderança Willian Godoy Navarro, 22 anos, universitário¹⁴:

“...quem constrói São Paulo não são os pedreiros. São empresários, os investimentos aplicados na cidade, feitos por paulistas. Falar que outras pessoas construíram a cidade é absurdo. Eles trabalharam, usaram sua força de trabalho. Não significa que construíram a cidade é absurdo. Eles trabalharam, usaram sua força de trabalho. Não significa que construíram São Paulo. Esse prédio que você trabalha, por exemplo, não foi construído por migrantes...por pedreiros. Foi construído pela empresa que investiu, que financiou o projeto. Entendeu o ponto de vista do Manifesto? As pessoas

¹³ Acesso em 20 de fevereiro de 2011 havia 1800 assinaturas

¹⁴ Fonte: *Terra Magazine*, jornalista Ana Cláudia Barros,2010

dizem: "Ah, os migrantes construíram São Paulo". Construíram com sua força de trabalho. mas se não fossem os investimentos e o dinheiro que gira na cidade, não teriam construído nada."

Esse grupo tem o plano de criar o Movimento Juventude Paulistana. Eles não se identificam como um movimento separatista, mas contam com o apoio de um outro grupo separatista denominado de Movimento República de São Paulo.

O Movimento República de São Paulo agrega centenas de jovens que tem sede em Ribeirão Preto, Sorocaba, Campinas, Santos, São José dos Campos e na cidade de São Paulo, geralmente, eles são descendentes de italianos e universitários. Eles se manifestaram na data de 09 de julho, feriado comemorativo paulista.¹⁵

O manifesto do Movimento Juventude Paulistana publicado na Internet apresenta a seguinte expressão "*migração predatória*", "*São Paulo não deve nada ao Brasil, portanto, o usufruto desse trabalho deve ser para o povo paulista*". Esse documento expressa uma crítica a política do Governo do Presidente Luiz Ignácio Lula da Silva, que criou o auxílio "Bolsa Família" entre outros, que beneficia principalmente as famílias e as regiões mais pobres do país, e que portanto, São Paulo estaria custeando essa política, a partir dos impostos.

No entanto, essa mesma política pública é apontada como uma das causas da diminuição do fluxo de nordestinos para São Paulo, pois uma parte dessa população consegue se fixar na sua área de origem, e são absorvidos pelos novos empregos e uma nova economia local que se desenvolve, contendo parcialmente a migração. Surge aí, então, um discurso contraditório e um paradoxo dos grupos xenofóbicos.

A Escola de Samba Acadêmicos do Tucuruvi que escolheu homenagear os nordestinos em São Paulo com o enredo "*Oxente, o que seria da gente sem essa gente? São Paulo: a capital do Nordeste*" para o Carnaval de 2001 recebeu varias mensagens xenofóbicas por e-mail, vejamos fragmentos de duas delas: "*Me mostre onde a capital do Nordeste é São Paulo. Vocês deveriam ser proibidos de desfilar numa avenida da minha cidade com um enredo nojento e racista desses*" e "*Esse samba enredo desprezita o Estado, que carrega esse lixo de país nas costas*", afirmava outra

¹⁵ Dia da Revolução Constitucionalista de 1932. Essa data homenageia a morte de soldados naquela guerra civil que defenderam o Estado de São Paulo, pois esse fez um enfrentamento com as outras unidades da federação para que o Governo Federal instituísse uma nova constituição. A versão de esse movimento ser separatista foi criada pelo Presidente Getúlio Vargas para desacreditar o intento paulista.

mensagem. Essa denúncia foi registrada no boletim de ocorrência da Delegacia de Crimes Raciais e Delitos de Intolerância, em São Paulo.

No mês de fevereiro¹⁶ deste ano, assistimos cenas de espancamento a um morador de rua no município de Lindóia (SP) pela imprensa televisiva. Além desse caso, a imprensa noticiou ao longo dos últimos meses outros casos de incêndio e agressões contra moradores de rua em São Paulo (SP), Curitiba (PR), Maringá (PR) e outros municípios. Uma parcela dos moradores de rua é migrante¹⁷, e estão, em situação de mobilidade e vulnerabilidade. Quando identificado os autores da perversidade, normalmente, são jovens de classe média e que justificam suas ações como apenas “brincadeira”. Essas práticas xenofóbicas de ações de grupo de jovens contra moradores de rua, merecem mais atenção da academia e precisam ser estudadas no atual processo de desenvolvimento social e econômico brasileiro.

Como entender essas práticas xenofóbicas, em uma economia em crescimento como a brasileira e que está gerando empregos e, portanto, depende dessa força de trabalho móvel, ou melhor, desses homens móveis ?

A história econômica brasileira registrou uma desigualdade entre as regiões no território nacional, de modo que, possibilitou a concentração de capital e riqueza no Centro-sul, ao longo do tempo, como dos diferentes períodos econômicos. Esse modelo de modernização econômica foi sendo acentuado pelas políticas públicas, conforme Francisco de Oliveira discute em sua obra *Elegia por uma Re(li)gião* ou então, encontramos em Caio Prado Junior na *História Econômica do Brasil*. As regiões Norte e o Nordeste Brasileiro, forneciam a sua matéria-prima e a sua força de trabalho, e o Centro-Sul se industrializava e vendia as mercadorias para o restante do país, e necessitava dessa força de trabalho, uma troca “desigual e combinada” que mobilizava o maior fluxo de pessoas da história desse país. Essa Divisão Regional do Trabalho, também, foi tratada por GOLDENSTEIN, L. e SEABRA (1982). Enfim, esses estudos contrapõem os discursos aparentes da Prof. Janaina ou então, dos grupos xenofóbicos que se colocam como vítimas da política do governo federal dessa última década que optou por investir nas regiões mais pobres do país.

¹⁶ Madrugada de 31 de janeiro

¹⁷ Pesquisa de 2007 realizada pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate a Fome aponta que 56% vieram de municípios do mesmo estado de moradia e 29,8 % apontam o desemprego como justificativa pela sua situação. Outros apontam a dependência química e as desavenças familiares, além dos transtornos mentais e o fato de uma parcela ser ex-presidiário, não conseguindo se inserir.

A mobilidade do trabalho do migrante nordestino e os movimentos xenofóbicos do centro-sul: uma questão migratória

Sueli de Castro Gomes

A territorialidade desses grupos de paulistanos surgem a partir da diferença de grupos sociais segregados espacialmente, nos condomínios, nos shoppings, nos espaços de lazer. A concepção de higienização permaneceu e se forma uma geração de jovens que se desenvolvem em espaços isolados por muros e medo da violência urbana, e que respondem com ações perversas e dizimadoras. Essa juventude atribui todos os problemas urbanos ao migrante, no plano do visível, e obscurece a discussão do processo de modernização. Há uma visão míope desses jovens sob o migrante. Não identificando os processos sócio-econômicos que esses homens móveis estão inseridos, na economia nacional, no processo de urbanização, na mobilidade do trabalho. Essa contradição entre as práticas perversas de territorialidade dos jovens paulistanos e, simultaneamente, a preocupação da falta de mão de obra na economia crescente, em especial no Centro-Sul, que mobiliza cada vez mais a força de trabalho, revela a face da crise do modelo econômico sob o capital no território nacional.

Bibliografia

- ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz. “Paraíba e baianos: órfãos do campo filhos legítimos da cidade”. In: *Travessia*, n.8. São Paulo: Centro de Estudos Migratórios, set./dez. de 1990. pp. 27-32.
- BAENINGER, Rosana. “Região, metrópole e interior: espaços ganhadores e espaços perdedores nas migrações recentes no Brasil, 1980-1996”. In: *NEPO*. n.35. Campinas: Unicamp, 2000.
- BOSCO, Santa Helena; JORDÃO NETO, Antônio. *Migrações: estudo especial sobre as migrações internas para o estado de São Paulo e seus efeitos*. São Paulo, Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo, 1967. pp.1-40.
- CEM (Centro de Estudos Migratórios). *Migrações no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1980. 82 p.
- _____. *Nordestinos*. Cadernos de migração. v.2. São Paulo: CEM/ USP, 1988. .
- GAUDEMAR, Jean Paul de. *A mobilidade do trabalho e acumulação do capital*. Lisboa: Estampa, 1977. 404 p.
- GOLDENSTEIN, L. e SEABRA, M., “Divisão Territorial do trabalho e a nova Regionalização”. *Revista do Departamento de Geografia*. São Paulo: IGEOG/USP n.1,p.21-47,1982

A mobilidade do trabalho do migrante nordestino e os movimentos xenofóbicos do centro-sul: uma questão migratória

Sueli de Castro Gomes

GOMES, Sueli de Castro. A Territorialidade de Trabalho dos carregadores Piauienses no terminal da CEAGESP: Modernização, Mobilização e a Migração. Tese de Doutorado. São Paulo: FFLCH/ USP, 2001.

HEIDEMANN, Dieter. “Os migrantes e a crise da sociedade do trabalho: humilhação secundária, resistência e emancipação.” In: *Migrações: discriminações e alternativas*. São Paulo: Paulinas/ SPM, 2004.

LENCIONI, Sandra. *Reestruturação urbano-industrial: centralização do capital e desconcentração da metrópole de São Paulo - indústria têxtil*. Tese de Doutorado. São Paulo: Departamento de Geografia da FFLCH/ USP, 1991.

OLIVEIRA, Francisco de. *Elegia para uma re(li)gião*. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. 137 p.

PRADO JR, Caio. História Econômica do Brasil. São Paulo:Ed. Brasiliense, 1972

PÓVOA NETO, Helion. A produção de um estigma: Nordeste e nordestinos no Brasil”. In: *Travessia*. n.19. São Paulo: CEM, mai./ago. de 1994. .

PAIVA, Odair da Cruz. *Caminhos cruzados* . Tese de Doutorado. São Paulo: Departamento de História da FFLCH/ USP, 2004.

PENNA, Maura. *O que faz ser nordestino: identidades sociais, interesses e o “escândalo Erundina”*. São Paulo: Cortez, 1992. pp.1-113.

RAMIRES, Francisco. Severino na metrópole . Dissertação de Mestrado. São Paulo: Ciências Sociais da FFLCH/ USP, 2001.

SEADE. Boletim SP Demográfico. Setembro de 2003

SOBRAL, Germano Leóstenes A. “Imagens do migrante nordestino em São Paulo”. In: *Travessia*. n.17. São Paulo: CEM, 1993.

ZAMBIASI, Alberto R. e MORÉS, Alvídio. “A Realidade sobre a migração brasileira”. In: *Travessia*. n.52, São Paulo: CEM, 2005 pp.5-16.

Sites

www.ibge.gov.br acesso em 08/2001 e em 01/2005

[http:// tudoporsaopaulo2010.blogspot.com](http://tudoporsaopaulo2010.blogspot.com) acessado em 02/2011

www.petitiononline.com/amosp

www.niem.org.br

A mobilidade do trabalho do migrante nordestino e os movimentos xenofóbicos do centro-sul: uma questão migratória

Sueli de Castro Gomes

Jornal:

Folha de São Paulo, 23 de abril de 2006